

Prefácio

Lembro do impacto inicial que o Poderoso Chefão do Soul teve sobre mim. Ainda consigo me ver, com meus colegas do ensino médio, escorregando e patinando nos trechos congelados da rua no inverno do Queens, Nova York. O que nos dava equilíbrio era o ritmo de “James Brown”, a dança que Mister JB dizia ter criado para finalizar sua apresentação de “There Was a Time”. A energia da música de Mister JB correspondia ao vigor compacto de crianças da escola primária que correm livremente. Basta enfileirá-las no corredor do pátio... e abrir a porta. Elas não têm a menor ideia de aonde vão – simplesmente correm. Para mim, isso descreve a força de James Brown. É, James Brown era um homem adulto, mas possuía a centelha ilimitada de uma criança.

Meus pais tinham muitos discos guardados. Era um casal de negros descolados de vinte e poucos anos, soltos numa época turbulenta. Os álbuns, encomendados de clubes de discos, chegavam aos pacotes pelo correio. Havia vários LPs de jazz e soul. Os de James Brown eram multicoloridos, cortesia do departamento de arte da King Records. Eles praticamente pulavam para cima da gente, mas não chegavam tão perto quanto o grito de JB e aquele trecho só de percussão no meio do álbum. James Brown se destacava do conjunto – pelo visual e pelo som.

Minha avó assinava as revistas *Look* e *Life*. Ela e meu avô costumavam amontoar revistas, não discos. Foi a *Look* que fez a pergunta a respeito de Mister JB: seria ele “o negro mais importante dos Estados Unidos”? A capa era azulada. Isso foi precisamente na metade da Guerra do Vietnã, logo depois dos assassinatos de Martin Luther King e de Robert Kennedy. Ainda havia uma lúgubre reverberação dos assassinatos do presidente John F. Kennedy e

de Malcolm X poucos anos antes. O país precisava desenvolver uma linguagem comum sobre a loucura vigente – por que ela não poderia vir de ícones culturais que todos ouviam? Mas, no encalço das revoltas de Newark e Detroit, creio que a dança nas ruas não poderia ser oferecida ao povo pela Motown, pela Stax ou pela Atlantic, tampouco por qualquer outro artista, a não ser JB.

Depois de lançar “Say it Loud – I’m Black and I’m Proud”, o governo – especialmente o de J. Edgar Hoover – começou a entender a importância de JB por várias razões, boas e más. O fato de prefeitos, políticos, militares, presidentes e vice-presidentes procurarem JB, enquanto as estações de rádio e o meio musical hegemônico o excluía, foi de uma ironia inacreditável. Aquela canção sozinha conferiu a Mr. JB sete afortunados anos de amor por parte da comunidade negra, o que não é fácil de conseguir.

Em minha humilde opinião, imediatamente após o assassinato de Martin Luther King, James Brown se tornou o negro mais importante dos Estados Unidos. Os negros estavam em busca de muitas respostas em seguida ao festival de confusões de 1968. Todos os americanos, perplexos, procuravam respostas, mas a disposição dos negros estava em sintonia com Nat Turner.*

Eu soube do show no Boston Garden muito depois de ele ter ocorrido. Com sete anos e vivendo em Nova York, as notícias que chegavam para mim diziam mais respeito aos assuntos da cidade e a seu próprio potencial explosivo. Não fui muito à escola naquela semana. As novidades de Boston chegavam muito mais tarde, ainda mais numa época em que a ênfase estava nas notícias locais, havendo apenas um espaço rápido a cada noite para notícias do país e do mundo. Nos esportes, o Celtics voltou atrás na contratação de Wilt,** do Philadelphia 76^{ers}, mas quando Bill Russell, primeiro técnico de basquete negro, pôs a culpa no racismo, aumentou a especulação de que haveria agitações locais, pois os negros estavam cansados das “branquelices” da Nova Inglaterra.

* Nat Turner (1800-31): escravo que liderou uma revolta no estado da Virgínia, em 1831, na qual foram assassinadas 55 pessoas brancas, entre homens, mulheres e crianças, nas 48 horas que durou o tumulto. (N.T.)

** Wilton Norman Chamberlain (1936-99): jogador negro de basquete profissional que atuou em diversos times da liga norte-americana.

Hoje vivemos tempos bem diferentes, e não digo isso do ponto de vista racial. Refiro-me à tecnologia. Televisão a cabo, documentários, DVDs, discos e vídeos piratas, YouTube e internet têm permitido que milhares de pessoas vejam a energia do show daquela noite no Boston Garden. Até hoje penso que aquilo foi uma transmissão ao vivo destinada a manter as pessoas fora das ruas de Beantown (Boston). A paranoia ia imperar até que se encontrasse uma resposta – pelo menos era o que eu achava.

Para mim, o show de James Brown representou e ainda representa o incrível poder da música e da força de vontade para cessar tudo em nome da alegria de se divertir. As imagens reproduzem a tensão de um furacão Katrina dos anos 1960. Hipnótico. Paralisante. Provocador. E ainda assim ele parou e conquistou a todos com “Think” – como ainda haveria de acontecer com muitos outros sucessos de James Brown.

Não há dúvida de que o Poderoso Chefão do Soul fazia as vezes do Príncipe da Paz numa época de caos. De fato, ainda nos curvamos diante dessa extraordinária apresentação cujo significado aumenta a cada década.

CHUCK D, *Public Enemy*

Se Elvis Presley é rei
Quem é James Brown?
Deus?

AMIRI BARAKA,
“In the Funk World”

Prólogo

Sua mera presença agitava, produzia um clima ensandecido. Sua forma de cantar era naturalmente vulcânica; sua dança era um ciclone. Parece não haver outras palavras para descrevê-lo: James Brown era uma força da natureza. “Ele chegou como a aurora boreal”;¹ luzes vermelhas, brancas e azuis se esparramavam sobre os smokings roxos dos 18 integrantes da banda, escreveu o atônito correspondente da revista *Times* em 1966, uma década depois do lançamento de “Please Please Please”, primeiro sucesso do cantor. Diante de uma multidão delirante de 15 mil pessoas no Madison Square Garden, James Brown “dominava o palco, era o motim de um homem só”.

Evocar esses superlativos é comum quando o assunto é James Brown. Sem dúvida ele era um inovador do ritmo e um poderoso performático, mas também um autopromotor inigualável. “Estou em busca de algo que ninguém fez”, disse ele. Ao longo de sua vida, James Brown caminhou sob holofotes resplandecentes, sempre se atribuindo apelidos ousados: O Poderoso Chefe do Soul! O Irmão Número 1 do Soul! Senhor Dinamite! James Butano! Comparou a si mesmo “àqueles gatos”: Mozart, Bach, Beethoven e Strauss. Fantasiava-se de super-homem negro ou de imperador espalhafatoso. Ele se considerava um herói americano.

Nascido em meio à pobreza mais brutal e depois famoso, um enfeitado que teve sua própria história no estilo Horatio Alger* – o pequeno engraxate que trabalhava na porta da estação de rádio de que mais tarde seria

* Horatio Alger Jr. (1832-99): escritor americano célebre por seus romances sobre meninos nascidos na mais absoluta pobreza que, com perseverança, coragem, trabalho árduo e lealdade, tiveram sucesso na busca de realizar “o sonho americano”. (N.T.)

o dono –, Brown era o orgulho em pessoa. Ele foi o superastro original do gueto, exultante em sua identidade de “irmão mais escuro” de Langston Hughes.* “Eles verão como eu sou bonito / E vão sentir vergonha”, predisse o poeta, e Brown viveu a promessa de Hughes: “Eu também canto a América.” No final da década de 1960, senadores e presidentes – homens que viviam de suas vozes – tiveram de reconhecer que a voz sobrenatural de Brown era um instrumento ímpar. “Seria ele o negro mais importante da América?”, indagava a revista *Look*.

Embora a carreira de Brown tenha nascido quase ao mesmo tempo que o rock and roll, e ainda que ele não tenha inventado o soul nem o funk, as bandas que liderou poderiam ser comparadas à orquestra de jazz de Duke Ellington. Em ambos os casos, a música era cuidadosamente arranjada, apesar de desenvolvida para estimular uma improvisação transcendente. O *Black, Brown and Beige* de Ellington era uma versão resumida de seus grandes planos para uma ópera-jazz intitulada *Boola*,² cujo protagonista-título, de idade indefinida, ele imaginou como uma representação de toda a vivência afro-americana. O que Ellington iniciou, James Brown arrematou. Pode-se afirmar que Brown *era* Boola – da emancipação à autodeterminação, do vaudeville ao *bop* e ao *hip-hop*.

Na era da música pop, apenas Elvis Presley teve mais canções incluídas nas 100 + da *Billboard*, e apenas os Beatles chegaram perto de superar em longevidade a influência multigeracional de James Brown. Mesmo assim, seu verdadeiro dom não estava em qualquer talento especial inato nem em mistura estilística. Estava na força insuperável de sua vontade. Ele se recusava a aceitar um “não” como resposta.

Como “motim de um homem só” do pensamento positivo, o blues não tinha espaço para James Brown. Originado dos spirituals dos tempos da escravidão e das canções de trabalho, o blues era formado por “canções de lamento”, nas palavras de Frederick Douglass e W.E.B. Du Bois.** “Isso vai

* James Mercer Langston Hughes (1902-67): poeta, dramaturgo, contista, romancista e colunista americano, um dos protagonistas do movimento cultural dos anos 1920 e 1930 conhecido como “Renascença do Harlem”. (N.T.)

** Frederick Douglass (1818-95): ex-escravo que se tornou ativista político, jornalista e escritor; W.E.B. Du Bois (1868-1963): ativista político, sociólogo, historiador e pioneiro do pan-africanismo. (N.T.)

surpreender muita gente: ainda não gosto de blues. Jamais gostei”³ declarou Brown em sua autobiografia, publicada em 1986. Sua autoconfiança era de tal modo gigantesca que beirava o absurdo. Lamúrias não eram permitidas na música de James Brown. Indignação talvez. Quem sabe um ocasional ataque apoplético. Jamais a lamúria abjeta. Esse caráter indomável e puro é a contribuição crucial de James Brown para a cultura americana.

Ralph Waldo Emerson descreveu o heroísmo como uma “atitude militarista da alma”.⁴ Segundo Emerson, o herói não está imune a defeitos. Ele pode ser teimoso, egocêntrico e pouco dado a reflexões. “Existe algo de não filosófico no heroísmo”, escreveu. “Há algo de não sagrado nele; ele parece não saber que outras almas são da mesma matéria; ele possui orgulho; é o extremo da natureza individual. ... O heroísmo sente e jamais raciocina, portanto está sempre certo.”

Como em muitos outros indivíduos talentosos, o ego e a voracidade de James Brown eram tão heroicos quanto sua atitude. Sua vida privada não era páreo para sua imagem pública dominante. Destituído de qualquer capacidade de aceitar o declínio inevitável de seu estrelato pop, seus últimos anos foram particularmente conturbados. Prisões, casos amorosos, filhos ilegítimos, abuso de drogas, violência doméstica, sonegação de impostos: a lista de transgressões teria deixado Stagger Lee* tonto.

Para James Brown, “O Homem que Mais Trabalhou no Show Business”, era a vida fora do palco que ele percebia como irreal. Toda sua extraordinária energia se orientava para a construção e manutenção de sua imagem. Longe dos olhos do público, não era nenhum modelo de bom comportamento. Em cena, no entanto, era um herói popular dos tempos modernos.

“James Brown é um conceito, uma vibração, uma dança”,⁵ ele mesmo dizia. “Não sou eu, o homem. James Brown é uma liberdade que criei para a humanidade.” Em seu auge – os dez anos seguintes a 1964, quando ele começou a alterar o curso da música pop com suas criações enfáticas e quase

* “Stagger” Lee Shelton (?-1912): lendário condutor de carruagem e cafetão negro de Saint Louis, Missouri, preso por assassinato. Tornou-se ícone da cultura pop graças a um blues de autoria indeterminada, regravado e reescrito para diferentes ritmos, mais recentemente por Grateful Dead, Nick Cave e The Clash. Ele representava o arquétipo do macho negro urbano, ao mesmo tempo *cool* e durão. (N.T.)

beligerantes –, ele se tornou o símbolo da liberdade e da oportunidade nos Estados Unidos. Não foi mera coincidência o fato de que a época de maior relevância em sua carreira tenha sido também a era das lutas pelos direitos civis. Como iria atestar a música de Brown, um novo dia estava nascendo.

Nas horas que se seguiram ao assassinato de Martin Luther King, era muito difícil um americano sentir isso.